

LIVROS MULTIFORMATO ACESSÍVEIS E MEDIAÇÃO DE LEITURA: CONSTRUINDO PONTES ENTRE AS CRIANÇAS E A LITERATURA INFANTIL

Aliane Duarte Alves Euzebio¹
Cristina Bohn Citolin²

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender as contribuições dos livros infantis multiformato acessíveis e da mediação da leitura para potencializar o contato de crianças com a literatura. Justifica-se este trabalho pela importância do acesso à literatura infantil acessível e de qualidade por meio de livros multiformato, aos alunos com necessidades específicas. A metodologia utilizada foi qualitativa, compreendendo a aplicação de um questionário com professoras pesquisadoras do tema e uma entrevista realizada por meio de reunião virtual, gravada em vídeo. Os resultados demonstraram que o acesso à literatura às práticas de leitura são favorecidas, considerando a diversidade de necessidades dos alunos, através de livros multiformato. Também se destaca o papel dos mediadores da leitura, especialmente no contexto escolar, responsáveis por criar pontes, de modo que seus alunos sintam-se envolvidos pela literatura, promovendo maior socialização e aprendizado.

Palavras-chaves: Livros Multiformato Acessíveis. Mediação de Literatura Acessível. Literatura Infantil. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Todo processo de inclusão necessita de comprometimento da sociedade, nas suas mais diferentes esferas. É necessário garantir o acesso aos direitos constitucionais de cada cidadão, conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.696, Art. 2: que inclui o lazer, a cultura, a fruição e a literatura. (BRASIL, 2018,p.1).(parágrafo único).

Visto como parte da sociedade, a escola é fundamental nesse processo, pois tem o potencial de oferecer recursos que favoreçam o contato de crianças com necessidades educacionais específicas com a literatura. Isso envolve a oferta de livros multiformato acessíveis, despertando o gosto pela leitura e pela busca de conhecimento.

Como estudante do curso de licenciatura em pedagogia, senti a necessidade de falar sobre os livros no multiformato acessíveis, pois já havia trabalhado com uma

¹ Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: alianedeuzebio250711@gmail.com.

² Professora orientadora - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Campus Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: cristina.citolin@bento.ifrs.edu.br.

criança com necessidades educacionais específicas, na qual observei sua dificuldade de compreensão em relação a literatura infantil, após esta experiência fui convidada a assumir a biblioteca da escola e realizar a contação de histórias para crianças da educação infantil ao 5º ano, a partir deste trabalho realizado, percebi o quão necessário é falar sobre livros acessíveis no multiformato, para que a leitura possa ser compreendida por todos, que alcance o maior número possível de crianças, estabelecendo uma relação entre a literatura e as vivências de cada um.

Assim, esta pesquisa teve por objetivo compreender as contribuições dos livros infantis multiformato acessíveis e da mediação da leitura para potencializar o contato de crianças com necessidades específicas com a literatura. O problema de pesquisa orientou-se pela seguinte questão: “Quais são as potenciais contribuições do livro multiformato acessível para o contato de crianças com a literatura infantil?”. Os objetivos específicos visam analisar como se dá mediação de leitura com livros multiformato e como eles podem contribuir com o desenvolvimento infantil.

A pesquisa assumiu a perspectiva qualitativa, envolvendo o diálogo com duas pesquisadoras do tema, as pesquisadoras relatam a experiência da produção de livros no multiformato acessível para crianças cegas e baixa visão. A abordagem se deu através de questionário. A segunda professora sugeriu complementação da interlocução com uma entrevista, realizada de forma remota, gravada em vídeo. Os dados foram coletados em 2020.

A discussão envolveu a construção de aporte teórico, com autores como Abramo (2004), Cunha (2011), Feijó (1992), Filidoro (2001), Garcia e Braz (2020), Jannuzzi (2006), Mantoan (2003), Martins (2016), Oliveira (2003), Sasaki (2006), Abramovich (2005), dentre outros.

2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS NO ÂMBITO ESCOLAR

Cada criança faz uso da imaginação, da fantasia e do lúdico para entender, a seu modo, como se dá o funcionamento do mundo. Uma criança com necessidades educacionais específicas também o faz, podendo demandar algumas adaptações para ter acesso às informações, sensações e impressões de que necessita para compreender e constituir seu universo. A literatura infantil tem o potencial de

fomentar esse movimento.

Segundo Feijó (1992,p.20), “lúdico é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente e faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana”. O livro infantil pode ser considerado como um meio para o desenvolvimento de momentos lúdicos, pois, por meio dele, a criança descobre um universo de possibilidades e de imaginação, o que gera prazer através dos textos literários. Daí a importância de que se ofereçam materiais de leitura acessíveis, que atinjam todo o público de uma sala de aula, já que todos os estudantes têm o mesmo direito à fruição e à aprendizagem.

O conceito de inclusão adquiriu ênfase especial nos últimos anos, no contexto educacional e em políticas públicas. Esta representação do conceito de inclusão orienta não apenas práticas educativas, como a metodologia de ensino e o currículo, mas ideias sobre situações de exclusão, diversidade e a construção de identidades. (MANTOAN, 2007).

Em anos recentes, a difusão da ideia de melhorar a qualidade da educação para todos traz o desafio de alcançar uma escola inclusiva, que elimina os processos de exclusão na educação e promove a devida atenção a todos os alunos dentro dos ambientes educacionais gerais. Por isso, uma das tarefas essenciais de pesquisa e intervenção educativa é encontrar maneiras de promover a aprendizagem de todos os alunos.

É necessário que todos os processos educativos sejam voltados à equidade³, para que não seja dificultado o ensino e a aprendizagem de alunos com necessidades educacionais específicas, evitando a desistência e o sentimento de não pertencimento por parte destes alunos. Isso é algo que acompanhamos frequentemente no cotidiano escolar, sendo necessária a conscientização de que todos têm direito ao letramento e à alfabetização.

Como educadores, devemos evitar a defasagem do ensino frente aos alunos

³ “Sistema de práticas garantidoras a todos os indivíduos de igualdade de tratamento, de oportunidades de desenvolvimento, de condições para a concorrência com base na competência e de acesso a serviços, independentemente de gênero, raça, idade, religião, nacionalidade etc.” Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/pro-equidade/publicacoes/glossario-de-termos-sobre-diversidade-e-inclusao>. Acesso em 21/03/2021.

com necessidades especiais que acaba, de acordo com Martins (2006, p.17), [...] “se agregando e excluindo, de várias formas, os que fogem dos padrões comuns por requererem em seu processo de aprendizagem respostas específicas ou diferentes das que são comumente dadas à média dos alunos”.

Há de se levar em conta que o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais específicas é relativamente recente, visto que se iniciou em bases legais apenas nos anos 80, com a declaração da Constituição Federal de 1988. Em seu início, a oferta de educação formal, às pessoas com necessidades educacionais específicas, era de caráter assistencial, segregando os alunos com necessidades especiais dos demais, excluindo do sistema escolar. (JANNUZZI, 2006, p.196).

A realidade de salas especiais também incluía professores aptos a lidar com as situações de trabalho com pessoas diagnosticadas com deficiências. Historicamente, alguns profissionais se fixaram mais na deficiência do aluno, tentando torná-lo “normal”, do que enxergavam as potencialidades deste, não dando espaços para que os mesmos as desenvolvessem. Visto isso, torna-se claro que, mesmo a educação tornando-se legalmente inclusiva, suas práticas foram excludentes e preconceituosas (GARCIA; BRAZ, 2020).

A educação deve estar apta ao desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo e não tentar tornar cada cidadão um padrão de aluno, muito menos instituir um modelo de normalidade. Tal realidade também demanda um professor que enxergue mais as potencialidades do aluno do que sua deficiência.

No documento Diretrizes Nacionais para a Educação Especial do MEC apresentam-se as seguintes considerações sobre o processo de inclusão:

A construção de uma sociedade inclusiva é um processo de fundamental importância para o desenvolvimento e a manutenção de um Estado democrático. Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida. Como parte integrante desse processo e contribuição essencial para a determinação de seus rumos, encontra-se a inclusão educacional (MEC, 2001 p. 20).

A partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, a educação brasileira passou a ser, ainda mais, reconhecida na sociedade como uma produtora de progresso nacional, social e pessoal para cada indivíduo. Neste sentido, adotando a educação como uma luta social, a má qualidade da educação também foi tida como um importante aspecto de luta, ganhando força a ideia da necessidade de renovação e de qualificação dos profissionais da educação, das próprias estruturas escolares e da forma organizacional pedagógica (UNESCO, 1990).

Após o estabelecimento das Leis e Diretrizes de Bases, o sistema educacional brasileiro passou a ter que adequar às estruturas escolares as necessidades apresentadas pelos alunos que presenciam estes espaços. Tal medida foi reforçada com a Resolução CNE/CEB N° 02/2015.⁴

Após tais determinações, políticas e diretrizes, em 2008 foi registrado um aumento significativo do número de pessoas com algum tipo de necessidades especiais.

Segundo Nunes, “os alunos com necessidades especiais devem estar inseridos na rede regular de ensino, recebendo Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno” (NUNES et al, 2013, p. 557). Assim sendo, esses alunos realizam suas atividades normais em seu turno e, no contraturno, realizam atividades que visam ao desenvolvimento social, comunicativo e de suas necessidades específicas. Conforme a política Nacional de Educação na perspectiva inclusiva, estabelece que os sistemas de ensino adotem medidas necessárias, no que se refere:

[...] a política inclusiva objetiva oportunizar a educação democrática para todos, considerando ser o acesso ao ensino público de qualidade e o exercício da cidadania um direito de todos; viabilizar a prática escolar da convivência com a diversidade e diferenças culturais e individuais, e incluir o educando com necessidades educacionais especiais no ensino regular. (BRASIL, 2008, p.17)

A LDB, em seu artigo 27º, esclarece que a educação:

⁴ São as resoluções emitidas pela CEB (Câmara de Educação Básica) do CNE (Conselho Nacional de Educação) O CNE (Conselho Nacional de Educação) auxilia na formulação de políticas públicas e diretrizes de ensino. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/component/content/article/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica?Itemid=164#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%201%2C%20de%2018%20de%20maio%20de,da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20\(LDB\)](http://portal.mec.gov.br/component/content/article/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica?Itemid=164#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%201%2C%20de%2018%20de%20maio%20de,da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20(LDB).). Acesso em abril de 2021.

[...] constitui direito da pessoa com deficiência, assegurando sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidade de aprendizagem (BRASIL, 2015, p. 12).

Sassaki (1997) acredita que a inclusão social é a forma pela qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, essas também se preparam para assumir seus papéis na sociedade. O autor afirma que a sociedade precisa ser modificada, incluir alguém na sociedade significa uma transformação social, nos meios de transportes, espaços físicos, adotar políticas públicas que garantam autonomia do cidadão.

A leitura, certamente, contribui para as aprendizagens e para a atuação cidadã, em todas as esferas. E, para isso, é necessário que os livros sejam também acessíveis, assim como outros bens culturais. As pessoas com deficiência têm direito ao acesso à cultura, como prevê a Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei nº 13.146/2015) que entrou em vigor em 03 de janeiro de 2015 representa novo marco sobre as questões envolvendo a igualdade:

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer à igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:
I - a bens culturais em formato acessível;
II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; (BRASIL, 2015, p. 36).

A inclusão escolar é um tema bastante complexo, que demanda muitas discussões. A intenção da reflexão aqui realizada é apenas situar alguns elementos para o estudo dos livros multiformato acessíveis. Espera-se, a partir dessa breve discussão, que a estrutura das escolas, práticas pedagógicas e suportes para o ensino e prática da leitura, relacionados ao desenvolvimento do aluno com necessidades específicas, sejam configurados como um passo essencial à total inclusão, inclusive no que toca à literatura.

3. LITERATURA INFANTIL, MEDIAÇÃO DE LEITURA E LIVROS MULTIFORMATO

Sabemos que a literatura é, sem dúvida, uma das produções humanas mais importantes para o indivíduo. É por meio da literatura que a criança desenvolve sua oralidade, criatividade, imaginação, empatia, a fantasia.

A obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere-se apenas na complexidade da concepção: a obra para crianças será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa. Essa simplicidade de concepção deve criar também a simplicidade de linguagem. Mas isso não significa facilitação, redução artística (CUNHA, 1991, p, 70).

A existência de uma literatura especificamente infantil é bem recente, ficou conhecida através de Charles Perrault, o primeiro autor a escrever especialmente para as crianças, em meados do século XIII. No Brasil, o precursor da literatura infantil foi Monteiro Lobato, no início do século XX, ainda com traduções de livros baseadas nas produções europeias.(LAJOLO,ZILBERMAN,2007). Para Cademartori (2014, p.1),

A literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é, a partir deste juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros.

Já de acordo com Abramovich,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2005, p. 17).

A inserção da criança na literatura é fundamental para seu desenvolvimento, trazendo contribuições que influenciam em todos os aspectos da sua formação, para alguns, a experiência de ler começa antes de entrar na escola, quando presenciarmos atos de leitura praticados pelas pessoas que os rodeiam, é muito importante que os pais iniciem a leitura para seus filhos. (FONSECA, 2012).

É imprescindível que a criança tenha acesso a livros adequados à sua faixa etária. Por meio deles, a criança constrói suas competências linguísticas. Entretanto,

muitos dependem exclusivamente da escola para se tornar leitores. Deste modo, a escola e outros espaços de aprendizagem precisam criar momentos e situações para que os leitores iniciantes possam ampliar suas experiências de leitura, fazendo com que a leitura seja algo frequente nas suas vidas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2017, p.44).

A mediação da leitura também assume relevância no processo de formação de leitores. Para Reyes (2014, p.1), “Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem”. Apesar de os mediadores não estarem apenas na escola, nem serem eles apenas professores, o ideal é que cada docente fosse um bom mediador de leitura, considerando a escola como espaço privilegiado para a formação de leitores. Ainda segundo a autora,

O trabalho do mediador de leitura não é fácil de reduzir a um manual de funções. Seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis: em primeiro lugar para si mesmo, porque um mediador de leitura é um leitor sensível e perspicaz, que se deixa tocar pelos livros, que desfruta e que sonha em compartilhá-los com outras pessoas. Em segundo lugar, um mediador cria rituais, momentos e atmosferas propícias para facilitar os encontros entre livros e leitores. Às vezes, pode fazer a Hora do Conto e ler em voz alta uma ou várias histórias a um grupo, mas, outras vezes, propicia leituras íntimas e solitárias ou encontros em pequenos grupos. Assim, em certas ocasiões, conversa ou recomenda algum livro; em outras permanece em silêncio ou se oculta para deixar que livro e leitor conversem. (REYES, 2014, p.1).

Evidencia-se, portanto, que quanto mais cedo a criança tiver o contato com a literatura, mais desenvolverá o gosto pela leitura, se tornando um sujeito crítico e reflexivo, além das contribuições para seu desenvolvimento.

3.1 LITERATURA PARA CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS E O LIVRO MULTIFORMATO ACESSÍVEL

Para crianças com necessidades educacionais específicas, o direito de acesso à leitura é assegurado através da oferta de publicações em formatos acessíveis, conforme previsto pelo seguinte artigo da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, n.º 13.146, Capítulo II: Art. 68:

O poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, inclusive em publicações da administração pública ou financiadas com recursos públicos, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação. (BRASIL, 2015, p. 58).

Graças aos avanços em tecnologia, a oferta de publicações em formatos acessíveis se ampliou e tem alcançado rapidamente um maior número de pessoas por um menor custo. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL 2015), formatos acessíveis são os arquivos digitais reconhecíveis por *softwares* de leitura de tela ou outra tecnologia assistiva que possibilite a leitura com sintetizador de voz, ampliação de caracteres, ajuste de contraste e a impressão em braille.

Durante as fases do desenvolvimento de uma criança, ela passa a maior parte do tempo com a família e escola, sendo que é na escola que, geralmente, amplia e desenvolve o interesse pela leitura. Sabe-se, porém, que nem todas as escolas contam com formação qualificada para seus profissionais, tampouco com exemplares de livros acessíveis.

Com a evolução das teorias de aprendizagem e dos métodos de ensino, mudou também a maneira de olhar o fazer pedagógico para a alfabetização.

De acordo com a POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Estabelece que:

Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as

relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. (BRASIL, 2008, p. 16).

Os jogos, brincadeiras, música, literatura, dança, dentre muitas outras formas de trazer o lúdico para a sala, além da forma como o educador se porta, sua maneira de conduzir as atividades e os trabalhos através do brincar, também fazem a diferença.

Segundo Duarte (2017, p. 222) “A inclusão social e a conquista da cidadania passam pela educação e sua porta de entrada é a aprendizagem da leitura e da escrita.” Por isso, para promover a inclusão, é importante que se incentive o desenvolvimento da linguagem para todos, possibilitando a troca entre eles e com a sociedade. É necessário que o professor introduza a literatura infantil na sua prática pedagógica, pois ela é um grande instrumento de construção de vínculos, a leitura proporciona a elas um desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Hoje, encontramos diversos tipos de livros, acessíveis e inclusivos, nos meios digitais também é possível e mais trazendo amplitude à leitura acessível. Essa leitura acessível e inclusiva está diretamente ligada aos Direitos humanos do cidadão, já que constitui:

[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p.186).

A leitura nos possibilita uma visão múltipla do mundo contribuindo para uma visão crítica do cidadão. para que todos tenham acesso a literatura é preciso entender o que são livros multiformato, De acordo com Célia Sousa:

São livros impressos, que reúnem num único exemplar, texto aumentado, braille, imagens em relevo (para crianças cegas ou com baixa visão), pictogramas, (para crianças com incapacidade intelectual ou limitações de outra natureza), com um código "[quick response](#)" (QR*) que remete para um site onde os livros estão disponíveis nas versões audiolivro e videolivro (Língua Gestual Portuguesa — para crianças surdas). (SOUSA, 2018, p.17).

De acordo com Francisco (2016, *apud* PERRY; CARDOSO e KULPA, 2019) entre os possíveis formatos para publicações multiformato estão: audiolivro; vídeo-livro em língua brasileira de sinais (LIBRAS); versão pictográfica- SPC; impressão/escrita em Braille; ilustrações impressas em relevo; escrita simples e descrição de ilustração/imagens; escrita simples e recriações táteis.

Sabemos que a criação de livros táteis é recente, mas muitas editoras vêm apostando nesse formato de livros. Assim, é válido destacar que o design universal é muito importante na composição dos livros acessíveis, pois possibilita uma maior compreensão do leitor, como imagens e textos compreensíveis, tornando o livro acessível a qualquer necessidade. A LBI (Lei nº 13.146/2015), em seu artigo 2, apresenta a definição sobre o design universal:

‘Desenho universal’ significa a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. O ‘desenho universal’ não excluirá as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias. (BRASIL, 2015, p.2)

Os livros multiformato

auxiliam a abordagem transdisciplinar e a educação inclusiva sobretudo ao compreender que tais obras, na perspectiva dos estudos de Castelini, Quaresma da Silva e Heidrich (2018, p.51) constituem artefatos culturais, visto que são criadas/adaptadas considerando as especificidades do público que será contemplado. (CASTELINI, SILVA, 2019).

Além disso,

O conceito de livro acessível alcança dimensões de materiais em formato acessível e multiformato. Sendo assim, livro acessível vem a ser o material literário produzido de forma que seu conteúdo e sua forma sejam disponibilizados em variados formatos de modo a possibilitar que pessoas com necessidades específicas possam acessá-lo sem qualquer entrave ou obstáculo que venham a dificultar ou impossibilitar o recebimento da mensagem e da expressão artística (PINTO, 2019, p. 30 *apud* PINTO, PELOSI, 2020, p.1).

Considerando os recursos que hoje possibilitam o acesso à literatura⁵Cabe

⁵ É válido consultar o Portal do Livro Acessível, que reúne informações sobre obras publicadas por editoras: “De acordo com o TAC firmado entre o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e o Ministério Público Federal, e em consonância com a Lei Brasileira de Inclusão, são considerados como acessíveis os formatos de arquivos digitais que possam ser reconhecidos e acessados por

refletir sobre o papel do professor na mediação do contato entre a literatura e alunos com necessidades específicas e os demais estudantes com materiais adaptados. Não basta ter, por exemplo, livros multiformato à disposição, já que só o acesso ao material não garante a vivência da leitura prazerosa e envolvente. Assim, a mediação de leitura inclusiva tem como foco a pessoa com ou sem necessidades educacionais específicas, buscando contribuir com o acesso à leitura. A ideia é que se entenda “a mediação de leitura acessível e inclusiva como oportunidade de colocar todos juntos na mesma roda, pessoas com e sem deficiência, sem qualquer tipo de discriminação, valorizando a convivência entre todos, a diversidade e as diferenças” (MAUCH, 2016, p.10).

Os mediadores de leitura podem ser professores, bibliotecários, contadores de histórias, entre outros, pessoas que auxiliam na narrativa de histórias. (BORTOLIN e SILVA, 2010). toda e qualquer pessoa que faça parte do processo de formação da criança contribui para o desenvolvimento da criança.

Hoje existem alguns projetos de mediação de leitura e leitura inclusiva, um dos projetos foi o “Entre na roda” elaborado a pedido da Fundação Volkswagen, que pretendia ampliar sua atuação na área da educação. Foi utilizado pela primeira vez em 2003, com o formato de dois anos de duração, em 28 escolas municipais de ensino fundamental de Taubaté, beneficiando 69 educadores (CECCANTINI, 2009).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este estudo partiu de uma revisão bibliográfica sobre a inclusão e o acesso à literatura através de livros multiformato acessíveis. Os dados foram obtidos através de um questionário (APÊNDICE A) que envolveu questões semiestruturadas sobre o tema. O questionário, segundo Gil (1999, p. 128) pode ser definido como:

A técnica de investigação é composta por um número mais ou menos

softwares leitores de telas ou outras tecnologias assistivas que vierem a substituí-los, permitindo a leitura de voz sintetizada, ampliação de caracteres e diferentes contrastes e impressão em braile. Dentre as opções, o ePUB3, abreviação de Electronic Publication, em inglês, ou Publicação Eletrônica, em português, tem ganhado cada vez mais espaço entre as editoras, por ser um arquivo digital padrão específico para e-books e por suportar elementos multimídia, como áudio e vídeo, para múltiplas plataformas e idiomas”. Disponível em: <https://livroacessivel.org.br/livro-acessivel>. Acesso em: 21/03/2021.

elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

A pesquisa assumiu contornos qualitativos, considerando que

O conceito de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutiva. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 147).

Considerando a importância do trabalho desenvolvido em relação ao tema deste estudo, o critério de seleção das professoras se deu através de pesquisas relacionadas ao tema livros multiformatos acessíveis, onde foi selecionada duas professoras pesquisadoras, após a pesquisa foram contatadas e se constituíram como os sujeitos da pesquisa:

a) Professora Dra. Cláudia Freitas, coordenadora do projeto Multi⁶, junto à UFRGS, que desenvolve projetos de extensão e pós-graduação, com apoio de livros táteis;

b) Professora Roberta Stockmanns, pertencente ao quadro do IFSC, pesquisadora da área da linguagem, letramento, ensino-aprendizagem e educação especial, em neuroeducação e mestre em educação – UFRGS doutoranda em informática na educação – UFRGS. Desenvolveu, no mestrado em Educação, dissertação sobre livros ilustrados táteis.

Adicionalmente, foi realizada uma entrevista online, via Meet, com a professora Me. Roberta Stockmans, na qual a pesquisadora explanou sobre sua dissertação, quando foram confeccionados dois livros táteis, manuais, para crianças cegas e de baixa visão.

Ressalta-se que os dados foram coletados no período em que foi instaurado regimento de distanciamento social devido à epidemia do COVID-19, que impediu o contato presencial físico com os sujeitos do estudo, justificando a coleta de dados via on-line.

⁶ O projeto Multi iniciou no ano de 2015 como curso de extensão chamado “Literatura Infantil para Diversidade”, buscando promover uma literatura para todos por meio de livros acessíveis. Mais informações podem ser localizadas na página do projeto, disponível em: <https://www.ufrgs.br/multi/>. Acesso em 21/03/2021.

Após a análise de dados obtidos por meio do questionário e da entrevista, compreendo que os livros acessíveis possuem características específicas, são produzidos por diferentes materiais e tecnologias, utilizando os princípios do design universal.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Os livros multiformato acessíveis têm, como objetivo principal, promover o acesso do livro e da literatura para todos. Conforme a professora Cláudia afirma que: “Para desenvolver um livro acessível, é necessário conhecimento de áreas distintas. Formas diversas de comunicação implicam grupo/equipe com formações diversas”. Para a professora, “Literatura para todos implica em formato ampliado. O multiformato onde cada um e todos possam acessar o mesmo dispositivo livro”.

Quando chega uma criança com necessidades educacionais específicas na escola, muitos pensam e agora o que fazer? É possível criar livros acessíveis, com um pouco de informação e trocas com outros profissionais como, educadores, pesquisadores da área, designers, artesãos entre outros. Hoje, muitas universidades possuem projetos de extensão voltados para a qualificação de profissionais, que atendem as crianças com necessidades educacionais específicas. A exemplo disso, é possível citar o projeto Multi já mencionado, que disponibiliza formação e material acessível à comunidade. Quanto às características e produção de livros acessíveis, a professora Roberta descreve que são utilizadas diversas técnicas para produção de livros táteis como imagens em relevo, no entanto, muitas delas ainda não permitem a sua leitura efetiva.

A professora comentou, durante a entrevista, que utilizou muitos materiais artesanais para produção de livro multiformato, tais como tecido, folha em acetato entre outros. De acordo com Roberta, a escolha da tinta e fonte também são fundamentais para a produção de livros acessíveis.

Segundo ela, a melhor forma de representar as imagens táteis é através dos objetos bidimensionais e tridimensionais, como o livro tátil que apresenta essas características e, por sua vez, é diferente do livro sensorial porque ele apresenta uma narrativa, facilitando a compreensão da leitura.

Para desenvolver “uma literatura para todos” o livro deve ter um formato ampliado, onde cada um e todos possam acessar o mesmo livro. A pesquisadora

ainda aponta que “o letramento consiste em um laço entre sujeitos, linguagem e sociedade, uma forma de acessar o mundo”.

Sabe-se que a literatura é muito importante para o desenvolvimento e deve estar disponível para todos. O livro acessível ajuda a criança a compreender melhor o enredo apresentado, a obra e suas características. A professora Roberta afirma que:

Inicialmente, a criança, ao manusear um livro, observa primeiro as imagens. É importante, no primeiro momento da mediação da leitura, apresentar a obra, falar as características do livro, do que se trata a história e deixar que a criança com necessidades especiais tenha o primeiro contato com o livro, para que possa ter suas percepções.

A exemplo disso, a professora se refere ao aluno com cegueira, que, no primeiro contato com o livro, ampliou a compreensão da história através da imagem tátil, que facilitou a sua compreensão da escrita em braile. Nas palavras de Roberta, “A mediação da leitura deve levar em conta a especificidade de cada criança”.

Já a professora Cláudia, a respeito de como promover a mediação da leitura com obras acessíveis, afirma ser necessário capacitação dos profissionais da educação, como contadores de histórias, bibliotecários entre outros, já que é preciso facilitar o acesso a livros acessíveis. Segundo ela, “Os professores devem ter acesso às obras acessíveis e algum apoio inicial para uso. A empatia e compromisso com a inclusão para todos é fundamental”.

A professora Roberta, por sua vez, provoca a reflexão acerca da postura que todos os docentes deveriam ter em relação a necessidades específicas, mesmo quando não tiverem contato direto com algum estudante que necessite de adaptações em sala de aula:

Os educadores, na perspectiva da inclusão, devem ter conhecimentos do Sistema Braille, tendo ou não alunos com cegueira. Todos têm direito de terem seus interesses postos em destaque e não deixados de lado.

Sobre quais são as contribuições do acesso a livros acessíveis multiformato para o letramento de crianças em fase de alfabetização, ambas afirmam que os livros infantis são fundamentais para a aproximação com o aprendizado da leitura. De acordo com a professora Cláudia,

Acesso a livros em multiformato garante o acesso à literatura para todos. Acessar livros infantis é uma das riquezas que as crianças têm acesso ao aprenderem a ler. Encontrar obras que possam ler com a ponta dos dedos, ou mesmo acessar as imagens através do tato é fundamental para uma criança com deficiência visual, mas pode ser interessante para todas.

Por sua vez, a professora Roberta aponta que

Por meio de livros ilustrados táteis, as crianças com deficiência visual têm a possibilidade de estabelecer relação com o universo letrado, isso porque conhecimento se constrói através das trocas com o outro.

Os livros no multiformato acessível, possibilitam uma leitura que contempla a todos, por suas características próprias, atendendo principalmente as crianças com necessidades educacionais específicas, pois através dos livros no multiformato acessível às crianças conseguem estreitar a sua relação com o outro, facilitando o aprendizado e a capacidade de compreensão, por isso é fundamental enquanto profissional da educação pensar em livros que atendam a todas as necessidades, como uma forma de equidade, garantir que todos tenham acesso ao conhecimento de forma igualitária.

É na infância que a criança adquire a linguagem e seu domínio possibilita que o indivíduo adquira a capacidade de comunicação, possibilitando a expressão de suas próprias ideias e necessidades, aumentando, assim, a sua participação como cidadão (DUARTE, 2007).

Em relação a como adaptar livros para crianças com necessidades educacionais específicas, a professora Cláudia sugere: “participar de uma formação inicial pode permitir que professores possam realizar adaptações razoáveis”. Já a professora Roberta afirma que:

Por se tratar de uma área que exige cautela e cuidado ao produzir estes materiais, existem reticências devido à necessidade de mais pesquisas quanto aos materiais mais adequados para a confecção de cada tipo de imagem e de mais pesquisas sobre como se dá o processo de percepção háptica das crianças aos quais os livros se destinam. Isso porque, cada geração estabelece diferentes relações sociais, as quais influenciam diretamente na percepção.

A necessidade de orientar as famílias sobre a importância da literatura acessível também pautou a discussão. Quanto a esse tema, a professora Cláudia

indica que “Para orientar as famílias, é necessário que as estas vejam, toquem e conheçam obras acessíveis”.

A professora Roberta salienta que:

É através das histórias dos livros de literatura infantil que uma criança pode conhecer outros lugares, outras culturas, outros jeitos de ser e, por isso, a literatura infantil já é reconhecida como fundamental no desenvolvimento destes sujeitos. A lógica própria das crianças de criar e recriar histórias pode não fazer sentido para o leitor adulto, mas é através desse faz de conta que elas despertam para um mundo de possibilidades, onde se encontra o aprendizado.

Ao ouvir histórias, a criança aprende a se concentrar, participar da narrativa, entrar em contato com diversas linguagens, aos poucos compreendendo o que o adulto lê. Viver esta experiência é um direito de todos. Por isso,

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens, de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou, encontrar um caminho para a resolução delas. (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Quando falamos de livros no multiformato acessível são livros que possuem várias características, falamos de uma literatura que contempla crianças com ou sem necessidades específicas. Deste modo, para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos indivíduos a literatura infantil é de grande valor, sendo que promove a compreensão e a contextualização com o texto, possibilitando uma comunicação alternativa para grande parcela infantil.

A diversidade dos alunos frente ao desafio da leitura é facilitada quando o formato deste livro é múltiplo e também aos professores dispensará adaptações, de modo que seus alunos sintam-se envolvidos pela história, promovendo maior socialização e aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível compreender que um dos objetivos é que o livro acessível ofereça mecanismos que permitam o alcance da obra a todos, contemplar uma escrita simples e recriações táteis, facilitando o uso e compreensão deste livro contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, intelectual das crianças com necessidades educacionais específicas, mas apenas delas, mas de todas as demais.

É preciso que todas as crianças tenham acesso à literatura infantil, para que possam desenvolver suas habilidades de acordo com as aprendizagens. Como educadores, devemos pensar em uma mediação de literatura acessível e inclusiva para todos, o que inclui a produção de material pedagógico, bem como a produção de livros acessíveis, já que muitas escolas não possuem acervo. É necessário capacitação dos profissionais da educação, formação continuada, investimento público que contemplem a criação de livros no multiformato acessíveis, utilizando materiais adequados, como objetos 3D, letra ampliada, entre outros aqui mencionados.

Para que haja uma mediação de leitura acessível, é preciso que os livros em multiformato contemplem as necessidades de cada criança, reiterando a importância da acessibilidade nas escolas, nos espaços não convencionais e na literacia familiar levando conhecimento a toda criança com ou sem necessidades especiais, contribuindo para formação de um sujeito crítico e reflexivo.

Acredito que é mais uma maneira de garantir que o cidadão exerça efetivamente sua cidadania, por meios de campanhas de distribuição de livros, projetos de fomento à leitura que estejam ao alcance de todos. Neste sentido, devemos favorecer a prática pedagógica nas escolas e ações na sociedade que favoreçam a inclusão, promovam discussões e produções acadêmicas acerca de tais temas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Márcio. O livro no Brasil: alguns dados sobre sua história e evolução. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis 65(13). Disponível em: Acesso em set.2020.
BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/> Acesso em: Set.2020.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo. Scipione.2005

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <<http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/legislacao/4/511>>. Acesso em Set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular/ Secretária de Educação Básica – Brasília: 2017 3ª versão. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em Março de 2021.

BOGDAN, R. S.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12.ed. Porto: Porto, 1994.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson J. da S. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2010.

CADEMARTORI, Lígia, Literatura Infantil. In: Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (**Ceale**). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/autor/l-gia-cademartori>> Acesso em: 21/ 03/2021.

CASTELINI, A. L. O; Sousa, C. Quaresma Da Silva, D. R.; & Heidrich, R. O., (2019). Livros Multiformato para Inclusão e Diversidade: Design Universal na leitura acessível a todos/as In: EBOOK VIII Conferência Internacional Investigação, Práticas e Contextos em Educação (2019).

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia M. K (Orgs.). **Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria & Prática**. São Paulo, S.P.: Ática, 1991.

DUARTE, N. O professor e o erro no processo de alfabetização. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T.M.K. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.

FEIJÓ, Olavo. **Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FILIDORO, N. Adaptações Curriculares. In: **Escritos da Criança**. nº.06, Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

FONSECA, Edi. Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil. São Paulo: Blucher, 2012. –(Coleção InterAções).

FRANCISCO, M.A.R.M. A Importância do Livro Adaptado em Símbolos Pictográficos da Comunicação no Desenvolvimento de Competências em Crianças com Perturbações na Comunicação. Relatório de projeto, Instituto Politécnico de Leiria, 2016

GARCIA, Fabiane Maia; BRAZ, Aissa Thamy Alencar Mendes. Deficiência visual: caminhos legais e teóricos da escola inclusiva. **Ensaio: Aval. Pol. Public.Educ.**, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 108, p. 622-641, Set. 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em dez. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. 2ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo: Ática, 2007.

MANTOAN, M. T. E. Sobre o especial na e o especial da educação – breves considerações. In: **Ensaio Pedagógico**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, p. 49-54, 2007.

MARTINS, L.A.R. Inclusão escolar: algumas notas introdutórias. In: MARTINS, L.A.R.et.al. (Org.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2006.

NÓBREGA, Lyé De Ruggero de Barros. **Educar com Contos de Fadas: Vínculo entre a realidade e fantasia**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; miloschita, C. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013.

MAUCH, Carla Simone da Silveira (coord.). **Guia de mediação de leitura acessível e inclusiva / Mais Diferenças**. São Paulo: Mais Diferenças, 2016

OLIVEIRA, F.F. Dialogando sobre educação, Educação Física e Inclusão escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, nº 51, 2009.

PINTO, Loide Leite Aragão. PELOSI, Miryam Bonadiu. Livro em multiformatos: O espelho mágico. **Revista Educação Especial**, v. 33, 2020 – Publicação Contínua. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/superespecializado/artice/view/54666/html>. Acesso em 21/03/2021.

REYES, Yolanda, Mediadores de Leitura. In:Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale**: termos de

alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura infantil](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura_infantil). Acesso em: 21/ 03/2021.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOUSA, C. (2018). **E se entrasse numa livraria e pedisse um livro MULTIFORMATO?** III Encontro sobre inclusão em contexto escolar. Disponível em <<http://eventos.ccems.pt/inclusao/userfiles/File/Apresentacoes2018/CeliaSousa.pdf>>. Acesso em: 11/04/2021.

UNESCO. Declaração de Salamanca. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, Salamanca: UNESCO, 1994.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO TCC

1. Na sua opinião, o que significa desenvolver “uma literatura para todos”?
2. O que é necessário para desenvolver um livro acessível?
3. Como promover a mediação da leitura, com obras acessíveis? No caso dos professores, qual formação seria importante?
4. Quais são as contribuições do acesso a livros acessíveis multiformato para o letramento de crianças em fase de alfabetização?
5. Como adaptar livros para crianças cegas ou com outras necessidades educacionais específicas?
6. Como orientar as famílias sobre a importância da literatura acessível?

Elaborado pela autora.